
George Monteiro, *The Presence of Pessoa: English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington, KY: The University Press of Kentucky, 1998.

Como o próprio título indica, este novo livro de George Monteiro trata da influência de Fernando Pessoa em autores de língua inglesa oriundos do Reino Unido, dos Estados Unidos e da África do Sul. A escolha que Monteiro faz dos poetas a incluir na sua obra de modo algum é arbitrária. Começando por sublinhar enfaticamente que «Fernando Pessoa (1888-1935) é a última grande descoberta da poesia ocidental do século XX» (p. 1), este estudo pioneiro passa em seguida a registar criticamente o primeiro impacto das criações poéticas de Pessoa (com destaque para o conceito mesmo de heteronímia) em poetas que se exprimem em língua inglesa. *The Presence of Pessoa* interessará também, sem dúvida, aos pessoanos; mas é de particular importância para quem se preocupe com a história literária e a tradição poética anglo-americanas.

O primeiro poeta de que Monteiro se ocupa é Roy Campbell. E não sem razão, pois que este poeta e ensaísta sul africano, que se dedicou também ao jornalismo e à rádio, e que no início dos anos cinquenta se instalou em Portugal, foi talvez o primeiro dos poetas mencionados no livro a deixar-se estimular pelo poeta português. O livro sobre *Portugal*, que Campbell publicou em 1957, dedica quatro páginas inteiras a Pes-

soa («esse poeta espantoso» (p. 24) [«amazing», um epíteto que vai depois ser repetido ao longo dos tempos por muitos leitores, incluindo Harold Bloom em *The Western Canon*]). À altura da sua morte, num acidente de viação em Setúbal nesse mesmo ano, Campbell tinha em fase muito adiantada um ensaio sobre Pessoa, que se comprometera a escrever para a editora londrina de Bowes and Bowes. Uma contribuição valiosa deste livro de George Monteiro é justamente a inclusão, em apêndice, do manuscrito incompleto que Campbell intitulara «Fernando Pessoa». O capítulo sobre o modo como a sensibilidade de Campbell reage à poética pessoana é um excelente exemplo da alta qualidade científica do trabalho de Monteiro: uma investigação minuciosa e rigorosa dos dados relevantes, a inspirar extrema confiança, e uma perspectiva crítica equilibrada e sugestiva. De modo algum silenciando a política reacionária de Campbell, antes sublinhando com clareza que o modo como Campbell concebe Pessoa tem tudo a ver com o Portugal de Salazar nos anos cinquenta, Monteiro consegue, no entanto, apreciar devidamente não só a originalidade da leitura que Campbell nos oferece de Pessoa, mas também as características mais interessantes da sua própria poesia e a influência que nela exerceu a poética pessoana.

A simples menção dos outros autores incluídos no estudo de Monteiro, muitos deles (como o próprio Campbell) também tradutores de Pessoa, dá bem testemunho do impacto que a poesia e a poética do poeta modernista português teve em poetas

de língua inglesa, desde os finais dos anos cinquenta ao início dos anos oitenta. O poliglota Edouard Roditi, um americano nascido em Paris, que nos anos cinquenta colaborou com Celan em traduções de Pessoa para alemão, e cujo ensaio «The Many Faces of Fernando Pessoa,» publicado em *Poetry* em Outubro de 1955, «foi a primeira apresentação de Pessoa nos Estados Unidos» (p. 28-29); Thomas Merton, o monge trapista americano em cuja escrita dos anos sessenta reverbera a poética heteronímica de Alberto Caeiro, um «poeta» que Merton de resto define como um anti-poeta com fortes traços de budismo-zen (p. 35); Edwin Honig, tradutor dos *Selected Poems by Fernando Pessoa*, cuja primeira edição em 1971 pela Swallow Press causou uma impressão profunda em Karl Shapiro («On First Looking into Honig's Pessoa,» p. 43), e que escreveu belos poemas pessoanos, como «Being Somebody», de alto pendor auto-reflexivo, ou «Pessoa's Last Masquerade», notável pelo uso intrincado da alegoria (Monteiro relaciona muito certamente este último poema, através do trabalho de Honig sobre a alegoria [*The Dark Conceit*, 1956], com a célebre obra de Melville, *Confidence Man* [p. 48-49]); Lawrence Ferlinghetti, cuja novela, *Love in the Days of Rage* (1988), se apresenta inundada do discurso sócio-político de *O banqueiro anarquista*, provavelmente primeiro lido pelo famoso editor de City Lights em tradução francesa (p. 56); Allen Ginsberg, cuja irónica auto-proclamação, «Salutations to Fernando Pessoa», é uma réplica directa à «Saudação a Walt Whitman» de Campos na tradução de Edwin Honig e Susan M. Brown em *Poems of Fernando Pessoa* (1986); Charles Eglington, outro poeta sul africano que, um pouco como o seu compatriota Roy Campbell, se deixou sobretudo inspirar pela recriação pessoana das viagens marítimas e o mito do Adamastor em Camões.

A panorâmica que Monteiro nos oferece de poetas de expressão inglesa que escrevem sob a égide de Pessoa termina com

uma referência à obra de quatro poetas ingleses que se revelam claramente fascinados pelo romance heteronímico: Michael Hamburger, poeta e crítico de origem alemã, autor de um importante ensaio sobre poesia e poética intitulado *The Truth of Poetry* (1969), o qual inclui «uma das melhores interpretações de Pessoa em língua inglesa» (p. 97), e um poeta ainda cujo interesse, na sua própria criação, pelo conceito de *personae* lhe vem directamente do drama-em-gente pessoano; John Wain, autor de «Thinking about Mr. Person»; e ainda Andrew Harvey e Dennis Silk, dois autores que, um pouco à maneira do nosso Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), têm por vezes recorrido à inexistente *coterie* pessoana para alimentar a sua própria criatividade.

Falta mencionar o caso mais interessante de entre os analisados por George Monteiro: o da romancista americana Joyce Carol Oates. Oates, que tem insistido repetidas vezes que não sabia nada de Portugal nem tinha jamais ouvido falar de Pessoa quando se propôs escrever os contos incluídos em *The Poisoned Kiss and Other Stories from the Portuguese* (1975), escolheu misteriosamente um interessante «heterónimo», Fernandes (de Brião), para seu autor (p. 77). Monteiro é de opinião que, independentemente das afirmações obstinadas de Oates acerca da sua suposta ignorância, é muito difícil não ver o fantasma de Pessoa a assombrar *The Poisoned Kiss*, em especial «Letters to Fernandes from a Young American Poet». A verdade é que Fernandes, como argutamente sugeriu um dia João Paulo Moreira, não pode ser senão o filho de Fernando, de facto, uma «pessoa» bem pouco vulgar («Um quarto alugado, um nome emprestado»: Histórias de Portugal por Fernandes Carol Oates [Sobre *The Poisoned Kiss and Other Stories from the Portuguese* de Joyce Carol Oates]), in Isabel Pedro dos Santos *et al.* (orgs.), *Literatura e História* [Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de

Estudos Anglo-Americanos], Coimbra, APEAA, 1989, p. 67).

O autor deste belo estudo sobre influência poética, hoje jubilado, foi durante anos professor de Literatura Inglesa na Universidade de Brown. Mais recentemente, tem tido uma colaboração activa com o departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da mesma universidade. Aliás, como muitos dos seus colegas portugueses muito bem sabem, George Monteiro, além de ter publicado um grande número de livros e artigos sobre literatura inglesa e americana, é também autor de ensaios muito pertinentes e úteis sobre literatura portuguesa, e é ainda um pessoano ilustre, como tal altamente respeitado dos dois lados do Atlântico. Um tema que lhe é tão caro a ele como a mim própria é a relação de Pessoa com a tradição poética anglo-americana. Um ensaio muito importante sobre um tema controverso, intitulado «Pessoa and the Whitman Anomaly», apareceu recentemente num número especial sobre Fernando Pessoa da revista americana *Indiana Journal of Hispanic Literatures* (Fall 1996).

George Monteiro é também tradutor de Pessoa e poeta ele próprio. Quem de futuro queira alargar o campo desbravado por *The Presence of Pessoa* terá de ter em conta a sua poesia. *The Coffee Exchange* (Providence, R. I.: Gávea-Brown, 1982) é um conjunto de poemas escritos em Lisboa em 1980-81, na sua maior parte compostos em toalhas ou guardanapos de papel em diversos restaurantes portugueses. O poema que cito a seguir na íntegra (em tradução minha) contém uma das muitas referências do volume ao «velho parasita»:

Quantos poemas
 escreveu Pessoa
 na toalha de papel do
 Café Três Montanhas?
 Nenhum, claro; as toalhas eram
 de pano nessa altura,
 ou então não havia toalhas.

Por isso o velho parasita
 vinha equipado,
 papel e caneta
 no bolso para impressionar
 os habitués
 tivesse ele poema a
 fervilhar ou estivesse só
 de cabeça baixa a fingir o mesmo.

Maria Irene Ramalho

151

Darlene J. Sadlier, *An Introduction to Fernando Pessoa: Modernism and the Paradoxes of Authorship*. Gainesville, Florida: UP of Florida, 1998. xiv + 168 pp.

Como o livro de George Monteiro apreciado acima demonstra com clareza, Fernando Pessoa é desde há muito uma «presença» constante no mundo de expressão inglesa. Muitos poetas de língua inglesa se foram rendendo à maestria inventiva da sua poesia e se deixaram fascinar pela sua ficção heronímica. A obra de Pessoa tem sido amplamente traduzida em inglês de formas diversas. Estudiosos de poesia e poética falantes de inglês, para além daqueles que são principalmente especialistas de Literatura Portuguesa, mostram-se cada vez mais interessados pela sua obra multifacetada. E existem já em inglês introduções excelentes sobre a vida e a obra do poeta modernista português, não raro prefaciando selecções importantes da sua poesia em tradução inglesa. Uma das mais bem conseguidas dessas introduções é a que Richard Zenith, poeta americano e talentoso tradutor e intérprete de Pessoa, escreveu para a sua nova colectânea pessoana *Fernando Pessoa & Co., Selected Poems* (New York: Grove Press, 1998).

E contudo, a investigação pessoana em inglês não teve ainda expressão substantiva que se possa considerar marcante.

Com efeito, a acrescentar à enorme abundância de livros escritos em Português, quer em Portugal quer no Brasil, sobre a obra de Pessoa vista dos ângulos mais variados, a crítica pessoana internacional tem-se expressado de forma mais sugestiva em outras línguas que não o inglês. Um facto que não deixa de suscitar alguma perplexidade, tanto mais que a tradição poética anglo-americana podia bem reclamar Pessoa como um dos seus poetas mais distintos. Se bem que nascido em Portugal, Pessoa foi educado em escolas inglesas na África do Sul e era um profundo conhecedor da literatura inglesa. Entre os inúmeros poemas que escreveu em inglês contam-se os que atribuiu a Alexander Search, um dos seus primeiros heterónimos. Trata-se de uma série de poemas da juventude que apontam para uma procura de identidade poética que tudo tem a ver com a língua inglesa. Além disso, Pessoa considera-se herdeiro (por mais problemática que seja esta herança) tanto do império português como do império britânico, e as raízes da sua poesia mergulham por igual na literatura portuguesa e na tradição anglo-americana.

É certo que os poemas ingleses de Pessoa, em particular os sonetos shakespeareanos, têm uma tonalidade um tanto rígida e antiquada, e pouco nos dizem da originalidade espantosa da sua melhor poesia escrita em português. Talvez seja por este motivo que Darlene Sadlier evita tratar dos poemas «ingleses» nesta sua *Introdução a Fernando Pessoa*. Omissão mais difícil de entender, num livro de apresentação do poeta e que ao mesmo tempo se diz preocupado com «O modernismo e os paradoxos da autoria», é o *Livro do desassossego* do «semi-heterónimo» Bernardo Soares. É certo que Sadlier se refere ao *Livro* no seu último capítulo, mas só para nos dar conta da polémica que nos últimos anos se gerou à volta da sua publicação sob a responsabilidade de especialistas diversos, e sugerir assim que o *Livro* repre-

senta exemplarmente a impossibilidade de uma «edição definitiva» de toda a obra de Pessoa.

O último capítulo do estudo de Sadlier, onde o problema da autoria e da autoridade textual é teorizada («Text versus Work: Constructing and Deconstructing a National Poet»), traça um quadro interessante e bem recheado de factos da cena pessoana actual no nosso país (sem excluir a coscuvilhices, as invejas e os remoques da crítica literária). Mas quer-me parecer que aos leitores de poesia moderna falantes de inglês suscitaria muito mais interesse a questão da identidade poética tal como o *Livro* a coloca. O *Livro do desassossego*, também porque Bernardo Soares é um semi-heterónimo (não chega a ser um *outro* nome), é a outra face da ironia exibida pela disseminação heteronímica. A verdade é que o *Livro* encerra a teoria e a prática da «lirica» como sendo a impossibilidade da expressão de uma identidade poética coerentemente identificável.

Ao abordar sucintamente a produção multifacetada de Pessoa no seu todo, o livro de Sadlier não deixará por certo de encorajar os seus leitores de língua inglesa a prestarem um pouco mais de atenção à poética inovadora do poeta modernista português, e a colocá-lo de vez no mapa dos modernismos poéticos. O primeiro capítulo trata dos poemas da juventude com alguma novidade e faz sugestões valiosas sobre as origens mais remotas dos heterónimos. O segundo ocupa-se das implicações políticas e ideológicas da estética pessoana no contexto do nacionalismo português e futurismo europeu no virar do século. Seguem-se quatro capítulos sobre os quatro principais heterónimos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e o próprio Fernando Pessoa). Desconsola um pouco verificar que *Mensagem*, o poema modernista de Pessoa *par excellence*, que de resto não pode de ânimo leve considerar-se uma «homenagem» a Camões, por mais «indirecta» que seja (p. 127), mereça tão pouca

atenção no livro de Sadlier. Alguma informação sobre o contributo de Pessoa para a teorização do modernismo poético e das modernas concepções de poesia lírica seria também muito bem vinda. No início do século XX, o Ocidente foi testemunha do surgimento de uma poética *impessoal* de «objectividade», designadamente em Pound e Eliot, que melhor se designaria, paradoxalmente, como *peçoana*. É pena que *An Introduction to Fernando Pessoa* acabe por deixar nos seus leitores, seja «o público mais vasto do mundo falante de inglês», seja «o especialista de literatura portuguesa» (p. 2), a impressão de que este livro de Darlene Sadlier não chega a ser nem uma modesta «introdução a Fernando Pessoa» nem uma discussão criticamente estimulante do «modernismo e os paradoxos da autoria».

Maria Irene Ramalho

Xavier Greffe, *La gestion du patrimoine culturel*. Paris: Anthropos, 1999, 253 p.

Com um vasto *curriculum* em investigação e publicações no domínio da economia pública, Xavier Greffe voltou-se, nos anos 90, para uma área da ciência económica em crescente expansão: a economia da cultura. *La gestion du patrimoine culturel* é o reflexo de preocupações teóricas e de dilemas económicos constatados em trabalhos anteriores como, por exemplo, *La valeur économique du patrimoine* (Paris: Economica, 1990), *Sociétés post-industrielles et redéveloppement* (Paris: Gallimard, 1993) e *Économie du patrimoine* (Paris: École Nationale du Patrimoine, 1998).

Neste trabalho, o autor começa por confrontar a abordagem convencional do património com as novas perspectivas da economia da cultura. A uma visão

que realça a importância do património enquanto herança que é necessário preservar e transmitir às gerações futuras — ainda que essa tarefa não seja pautada por critérios de rentabilidade económica —, Greffe opõe as correntes da economia da cultura que salientam as dimensões e os efeitos económicos do património. Directa ou indirectamente, através do turismo cultural, dos projectos de renovação urbana, dos mercados da arte e do artesanato, o património cria novas actividades económicas, rendimentos e emprego. O lugar e o papel que as sociedades pós-industriais lhe reservam, as normas e as convenções que alargam e diversificam o campo patrimonial conferindo-lhe as características dos bens que são produzidos e consumidos, a crescente imbricação com o léxico e os modelos da economia e o desenvolvimento de formas específicas de gestão e de promoção, levam o autor a defender a imprescindibilidade de olhar o património como uma actividade económica capaz de criar novas fileiras e novas formas de emprego no conjunto da economia, e não como sector de emoção e de lazeres de uma comunidade que quer preservar a sua memória e identidade.

A adopção desta nova abordagem exige, contudo, dois cuidados especiais que os fundamentalismos económicos nem sempre souberam salvaguardar. Por um lado, se é pertinente realçar as dimensões e os efeitos económicos do património, não é menos necessário destacar as funções e os serviços sociais que ele preenche e que desempenha. Por outro lado, é necessário garantir que a lógica cultural não seja substituída por uma lógica economicista e mercantilista. Compreender o relacionamento e as dependências entre a economia e a cultura implica, por exemplo, que a racionalidade económica não seja o principal factor de arbitragem entre opções culturais.

A valorização do património e das actividades do património cultural pelas sociedades avançadas contemporâneas é parte

de uma tendência mais vasta que, também no que respeita à ciência económica, se caracteriza pela importância crescente das actividades culturais e dos serviços de lazer. Neste contexto, Greffe coloca quatro questões relevantes que discutem o estatuto e as funções do património no seio das economias contemporâneas.

Uma primeira questão tem a ver com a importância económica real do património. Ainda que, no plano das representações, o património e as suas actividades ocupem um lugar simbólico relevante, no plano das actividades económicas eles são remetidos para uma posição marginal. O consumo das actividades e serviços ligados ao património cultural e o número de empregos alimentados por esse sector são indicadores que relativizam a sua importância económica. Contudo, o papel das actividades patrimoniais tem efeitos visíveis ao nível da emergência e da consolidação da fileira do turismo cultural, do desenvolvimento de competências e conhecimentos que vão beneficiar os outros sectores da economia e, ainda, da capacidade de criação e de originalidade que podem ser retiradas da conjugação das tradições com as inovações tecnológicas. Neste sentido, o património funciona como alavanca do desenvolvimento social, contribuindo para a criação de valores sociais comuns e funcionando como elemento de identificação de um território.

Compreender o estatuto do património no seio das economias contemporâneas passa também por dar conta do alargamento e da diversificação do campo patrimonial. Esta é uma questão que Greffe trata de um modo mais descritivo e normativo para constatar as dificuldades de conceptualização do campo patrimonial. A conclusão mais interessante desta questão prende-se com o reconhecimento de que o estatuto patrimonial tem menos a ver com uma herança e mais com uma escolha, em que os valores monetários são frequentemente um elemento preponderante dos factores de certificação patrimonial.

Uma terceira questão abordada por Greffe remete para o valor económico do património, aferido a partir dos serviços que ele fornece à sociedade, aos territórios, às empresas e aos particulares. A referência ao valor económico do património exige, desde logo, que se tenham em conta os factores de conflitualidade entre as lógicas patrimoniais e as lógicas económicas. A valorização do património com base em critérios que privilegiem a sua conservação é necessariamente diferente de uma lógica de valorização que ponha a tónica em critérios de utilização e de prestação de serviços diversos ao mercado. Por isso, o papel que o património desempenha nas economias contemporâneas está envolto em questões políticas e faz emergir conflitualidades profundas entre diferentes critérios de valorização e de lógicas de funcionalidade.

Uma outra questão que se põe quando se analisa o lugar do património no seio das economias contemporâneas tem a ver com a sua gestão. O problema central coloca-se relativamente à aceitação e à legitimidade dos modos e dos critérios de gestão que se baseiam em modelos económicos de eficácia e de lucro. Colocando em evidência a pluralidade de objectivos dos bens patrimoniais e as variadas necessidades sociais que satisfazem, Greffe salienta a impossibilidade de se avaliar a *performance* do património através de mecanismos de preços e de lucro.

No respeitante à gestão do património coloca-se ainda a questão da promoção dos bens patrimoniais e, mais uma vez, a possibilidade de adequação das estratégias de *marketing* aos recursos patrimoniais. Quanto a este aspecto específico da gestão, Greffe constata também a necessidade de se ultrapassarem as perspectivas tradicionais que menosprezam o papel activo dos consumidores e chama a atenção para as especificidades do campo patrimonial, que exigem a adopção de variáveis não económicas capazes de explicar os mecanismos da procura dos bens patrimoniais.

Perante a multiplicação acentuada dos bens patrimoniais nas últimas décadas, *La gestion du patrimoine culturel* mostra-nos que a intensificação da patrimonialização é enquadrada por critérios económicos e por valores monetários. Ao discutir os critérios e os modos de gestão do património cultural no seio das economias contemporâneas, Greffe alerta-nos para a crise dos modos tradicionais de gestão dos bens patrimoniais, que é, simultaneamente, uma crise de gestão dos recursos humanos, uma crise

financeira e uma crise de identidade marcada pela dificuldade em captar públicos e em motivar e responsabilizar os agentes das actividades patrimoniais. Os variados exemplos a que Greffe recorre neste livro mostram com clareza as virtudes e os *déficits* com que os modelos da economia e da gestão podem contribuir para a renovação das políticas públicas do património.

Paulo Peixoto